



Dossiers & Factos

A verdade acima de tudo e todos

50Mt



DIRECTOR: Seródio Tovo | Segunda-Feira, 11 de Abril de 2022 28 de Março de 2022 | Edição nº: 459 | Ano: 10 | Tiragem: 7500 exemplares

RENAMO VAI À LUTA DE MÃOS ATADAS

Membros esperam o pior em 2024

Pag 03 e 04



DIANTE DA BANDEIRA NACIONAL



Ministro Chume comete indisciplina na Beira

Pag 05

REFILLER BOY ATACA O ESCOVISMO

"Tratamos o PR como uma flor"

Centrais



Uma salada de comunicação

Na sociedade de informação, a comunicação assume uma dimensão ainda mais importante e tem de ser obrigatoriamente impreterível em qualquer instituição que se preze, sobretudo quando tenha o serviço público como móbil da sua existência.

Não é por acaso que os gabinetes de comunicação e imagem estão cada vez mais robustos. Essa noção é cada vez mais presente no seio dos gestores públicos. No entanto, a qualidade da comunicação está ainda longe de estar ajustada à robustez dos actuais gabinetes de comunicação, quer seja por questões políticas, quer seja por falta de competência.

Independentemente das razões, o certo é que uma comunicação mal planeada, transmitida em locais, momentos e em circunstâncias inoportunas, é pior que a falta dela, pois propicia uma espécie de “desinformação institucionalizada” e isso gera descrédito.

É certo que o público, em particular nas redes sociais, tem a tendência de satirizar tudo, o que, de alguma forma, banaliza dirigentes e instituições, mas, muitas vezes, estes actores (dirigentes e instituições) acabam por se pôr a jeito.

Só nas últimas semanas, tivemos o município da capital moçambicana e a operadora estatal Tmcel a meterem os pés pelas mãos e a desinformarem eles próprios o público, o que revela falta de preparação. Se quisermos ser rudes, podemos considerar que isso revela falta de noção do que pretendem, de facto, transmitir ao público.

Mas desta vez queremos debruçar-nos particularmente sobre a desarticulação no Ministério da Defesa Nacional, que ficou demonstrada há cerca de duas, quando Cristóvão Chume veio a terreiro comunicar o que não está a acontecer. À margem das comemorações do 47.º aniversário da Marinha de Guerra de Moçambique, Cristóvão Chume disse: “não temos nenhuma informação credível que nos dê a indicação de que há um novo líder na Junta Militar da Renamo. Por isso, tudo o que posso dizer sobre isso são especulações ou informações que visam perturbar a zona centro do país”.

Há um problema nesta comunicação do ministro da Defesa. É que ela desmente categoricamente uma informação trazida por uma fonte oficial, também ela ligada ao Ministério da Defesa. Referimo-nos ao director

de Operações das Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM), Chongo Vidigal, que, em 26 de Fevereiro, disse: “as informações que temos são de que recentemente houve, inclusive, eleições internas, onde foram eleitos novos dirigentes, o que quer dizer que, para todos os efeitos, este grupo continua”.

Ou seja, o Ministério da Defesa Nacional desmentiu há dias, através do seu ministro, “especulações que visam perturbar a zona centro do país” que o mesmo ministério, por via do director de Operações das FADM, criou.

É uma situação caricata e que descredibiliza uma instituição que se pretende séria. É mais grave ainda que o mais alto gestor do pelouro tenha dito o que disse sem reconhecer que terá havido erro ou equívoco na primeira comunicação, feita por Vidigal. Ou seja, Cristóvão Chume preferiu ignorar que foi o próprio Exército que criou o fantasma da Junta Militar, e assim credibilizou a posição da Renamo, segundo a qual a Junta Militar é criação do Governo.

É caso para dizer que quando a comunicação é ruinosa, ninguém precisa de inimigos.

serodiotouo@gmail.com

FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE DA
S.T. PROJECTOS E
COMUNICAÇÃO, LDA

DIRECÇÃO:

Seródio Towo (Director-Geral)

ADMINISTRAÇÃO:

Gabriel Muchanga

Registo N° 19/GABINFO-DEC/2012

REDACÇÃO, MAQUETIZAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Tchumene 1 | Rua Carlos tembe, Parcela N° 696, Matola | Telf: 869744238 | Celular: 82 4753360 | Email: dossiereltronico@gmail.com | DIRECTOR: Seródio Towo, serodiotouo@gmail.com, Cell: 82 4753360 | COORDENADOR EDITORIAL: Amad Canda, candaamad@gmail.com, 846526459 | REDACÇÃO: Seródio Towo, Amad Canda, Arão Nualane, Quelto Janeiro, Hélio de Carlos | FOTOGRAFIA: Albino Mahumana, Salomão Mavale | ADMINISTRAÇÃO: Gabriel Muchanga, sebmuchanga@gmail.com, 84 228 5835 | GRAFISMO: Herbigno Lote | CORRESPONDENTES: Eng. Aspirina (Xai-Xai) - 84 5140506 | Henriques Jimisse (Pretória) | PUBLICIDADE e MARKETING: Gabriel Muchanga, sebmuchanga@gmail.com, 84 228 5835 | EXPANSÃO: Quidero Nhoela, Cell: 84 1065591, admis.factos@gmail.com | COLUNISTAS: Fernando Benzane e Rui Maquene |

A UM ANO DO CONGRESSO

Membros da Renamo denunciam estagnação do partido

Está a portas mais um ciclo eleitoral em Moçambique, que será marcado pela realização de eleições autárquicas, em 2023, e pelas gerais, incluindo, pela primeira vez, das assembleias distritais, em 2024. Em alguns partidos, o momento coincide com a realização de importantes eventos, com destaque para os congressos. É o caso da Renamo, que, por força dos estatutos, deve realizar o seu VII congresso em 2023. Só que aquela formação política está há cerca de quatro anos sem realizar reuniões do conselho nacional, o que está a provocar descontentamento interno.

D&F Texto: Seródio Towo

A um ano da realização da reunião magna do segundo maior partido da oposição, os membros mostram-se preocupados com a suposta inacção das lideranças. Afirmam que ninguém se está a pronunciar sobre este importante evento, que deverá culminar com a eleição do presidente, que, por inerência, será candidato do movimento às eleições presidenciais de 2024.

Um dos sinais de inacção trazidos à superfície é o facto de ainda não ter sido realizado o conselho nacional, que deveria debruçar-se sobre os preparativos para o congresso, que será o sétimo da história da Renamo. Na verdade, a perdiz está há sensivelmente quatro anos sem realizar o seu conselho nacional.



A vida de Momade na liderança da Renamo nunca foi fácil (DW)

Muito recentemente, e em grande entrevista ao canal televisivo STV Notícias, o presidente do partido invocou as medidas de prevenção da Covid-19 para justificar a não realização do conselho nacional, e anunciou o agendamento do mesmo para Abril corrente.

“Depois do congresso, nós realizamos o primei-

ro conselho nacional, e todos os moçambicanos e o mundo sabem que estávamos numa situação de pandemia, por isso não conseguimos realizar o conselho nacional. Mas, no próximo mês de Abril, vamos realizar o conselho nacional, não porque não tínhamos condições, mas a situação das medidas de prevenção da pandemia impediram o evento”, explicou o presidente, que também anunciou uma espécie de um “governo sombra” para fazer face às próximas eleições.

Uma estagnação que causa cepticismo

O Conselho Nacional da Renamo é composto por 120 membros. De 2019 a esta parte, assistiu-se a vários eventos que congregavam mais gente. Por exemplo, o Comité Central do Partido Frelimo, constituído por 250 membros, reuniu-se, na cidade da Matola, em Maio de 2021.

De acordo com o artigo 30.º dos Estatutos da Renamo, o conselho nacional reúne-se ordinariamente duas vezes por ano, mas pode-se reunir extraordinariamente, a pedido de um terço dos seus membros ou quando convocado pelo presidente.

Ao Dossiers & Factos, os membros da perdiz revelaram que o único órgão que realiza encontros regulares é a comissão política, cujos integrantes (16) são, de acordo com as nossas fontes, da linhagem de Ossufo Momade.

A estagnação dos órgãos do partido, dizem as nossas fontes, pode ser comprometedora. Por isso mesmo, há muito cepticismo em relação ao futuro. Nossos interlocutores consideram que, caso não haja mudança na vontade política do actual presidente do partido, poderá estar aberto o caminho para uma vitória mais expressiva da Frelimo e até para a subida do Movimento Democrático de Moçambique (MDM) ao nível de representatividade na Assembleia da República.



Momade promete conselho nacional em Abril (Folha de Maputo)

O ambiente no “ninho da perdiz” é tido como “turvo”, com um grande nível de descontentamento a apossar-se até de alguns dos principais e mais activos quadros. As fontes consideram ser importante que estas fissuras sejam resolvidas o quanto antes. Por outro lado, falam da necessidade de a liderança do movimento perceber que a Renamo é, segundo as mesmas fontes, “um partido de massas, e não de quadros”. Ou seja, argumentam as fontes do Dossiers & Factos, a popularidade da segunda maior força política nacional não depende de personalidades, mas sim da sua história.

Ausência de parcerias internacionais

Segundo as fontes que temos vindo a citar, a grandeza da Renamo reside na sua popularidade, no facto de ser um partido das massas, do povo. Mas esses factores, defendem as fontes, precisam de ser capitalizados e complementados por outras acções, algo que o actual presidente, cuja liderança é bastante contestada, não estará a conseguir fazer.

Um dos aspectos prende-se com a ausência de parcerias internacionais com outros movimentos de direita. Nesse aspecto, consideram que a Renamo regrediu bastante, sendo que, actualmente, não tem qualquer cooperação com movimentos políticos “irmãos” do exterior. As parcerias são, na opinião das fontes, importantes e necessárias, pois, além da troca de experiências, abrem portas para o apoio financeiro, importante para pôr a máquina político-partidária a carburar.

Insatisfação com DDR sobe de tom

O processo de Desmobilização, Desarmamento e Reintegração (DDR) das forças residuais da Renamo é também uma grande “pedra no sapato” de Ossufo Momade. O próprio partido já assumiu por diversas ocasiões que o processo está estagnado, aparentemente por falta de fundos.

Recorde-se que a comunidade internacional disponibilizou USD 62 milhões para o processo de desmobilização, mas, até agora, há bases (com militares)



Sem a conclusão do DDR, o acordo de paz assinado em Maputo continua ameaçado (ONU News)

que continuam intactas, entre elas as de Gorongosa, Mugeba, e Morrumbala. Estas são tidas como algumas das principais, com todo o tipo de cargos militares, incluindo generais que se desconfia que estejam verdadeiramente armados.

Recentemente, uma equipa do Dossiers & Factos esteve na Zambézia e interagiu com um dos generais da Renamo, que pediu para não ser identificado. Este falou da necessidade de se responsabilizar o culpado pelo não pagamento de pensões, com a certeza de que estará na tríade Governo, Renamo e Comunidade

de Internacional, pronunciamentos corroborados por Elias Dhlakama, em entrevista recentemente emitida pela DW.

O general ouvido pelo Dossiers & Factos vai mais longe e desafia Ossufo Momade a revelar o protocolo que determina a entidade responsável pelo pagamento de pensões aos desmobilizados. Lembra ainda que a perdiz e o Governo assinaram dois acordos: o da Cessação das Hostilidades, em Gorongosa, e o de Paz Definitiva, em Maputo. Posto isto, questiona em qual dos instrumentos estão inseridas as garantias dos militares da Renamo.

Fartos daquilo que classificam como “mentiras” de Ossufo Momade, os militares afirmam que, caso a questão das pensões não tenha sido acautelada em documentos juridicamente válidos, é preciso que se abra um “espaço político” com o Governo para que este assumira este dever.

Reafirmam a urgência de se desmobilizar os elementos que ainda estão nas bases, sob pena de emergirem novos “Nhongos”, mas também pedem mais atenção para com os militares já abrangidos pelo DDR, e que, segundo eles, estão sujeitos a “injustiças humanas”.

O périplo de Momade pelas embaixadas

Com o processo de DDR estagnado, o presidente da Renamo tem se desdobrado em encontros com diplomatas de países da Europa no sentido de encontrar soluções. Em 9 de Março, por exemplo, manteve encontro com a embaixadora da Finlândia em Moçambique, Anna-Kaisa Heikkinen.

Na ocasião, o líder da Renamo referiu que a paz é um bem comum que deve ser preservado, daí ter formulado um pedido à Finlândia e a toda a comunidade internacional para que apoiem o processo de DDR, que vem enfrentado entraves de vária ordem.

Mais recentemente, fez um apelo similar num encontro com a Missão de Observação Eleitoral da União Europeia.

Na semana passada, Nyusi e Momade encontraram-se e decidiram que o DDR deve prosseguir.



Pagamento de pensões aos desmobilizados é feito de forma irregular (MMO)

EM REPRESENTAÇÃO DO COMANDANTE-EM-CHEFE DAS FDS

Ministro da Defesa comete indisciplina na Beira

- Desrespeitou a Bandeira Nacional

Cristóvão Chume, actual ministro da Defesa Nacional, cometeu o que é visto nas hostes militares como falta de consideração ao principal símbolo nacional - a bandeira. Tudo aconteceu na cidade da Beira, capital da província de Sofala, para onde o ministro se deslocou para orientar importantes cerimónias de Estado.

D&F Texto: Seródio Towo

Depois de ter estado, em 30 de Março, na província de Manica, concretamente na cidade de Chimoio, onde testemunhou as melhorias operadas no Centro Provincial de Recrutamento e Mobilização (CPRM), Chume dirigiu-se, já no dia seguinte, à cidade da Beira, capital provincial de Sofala, para orientar algumas cerimónias.

O facto é que, em termos de indumentária, o timoneiro da Defesa Nacional deixou a desejar. Nesta deslocação à província de Sofala, Chume, que assumiu há poucos meses a pasta da Defesa, esteve em dois eventos, sendo que no primeiro dia apresentou-se de camiseta civil, e no segundo, que foi o dia da Marinha de Guerra de Moçambique, esteve de camisa de mangas curtas.

Refira-se que, em ambos os eventos, Chume esteve em representação do Comandante em Chefe das Forças de Defesa e Segurança, e, ainda assim, pautou pela "frescura" em cerimónias que, ainda por cima, contemplaram momentos de grande elevação, nomeadamente a parada militar e o acto sagrado de juramento à bandeira nacional, no contexto do encerramento do



Cristóvão Chume tomou posse em finais do ano passado

curso dos fuzileiros navais.

A Bandeira de Moçambique, segundo a Constituição da República, no seu artigo 13.º, é um símbolo nacional, à semelhança do emblema e do Hino Nacional. É, por isso, um elemento que todos os moçambicanos são obrigados a respeitar, particularmente os dirigentes governamentais, que juraram servir a pátria.

Chume esteve na tribuna a receber honras militares, testemunhando diferentes marchas que só são realizadas em cerimónias solenes, e em que os militares prestam continência em respeito à bandeira. Em termos protocolares, e em observância das normas militares, o ministro da Defesa Nacional cometeu indisciplina, ou, no mínimo, faltou-lhe o sentido de Estado. Este tipo de actos pode ser grave para a imagem de uma nação, pois podem ser interpretados como reveladores de falta de seriedade e de consideração pelos símbolos do país.

Ironicamente, alguns ilustres espectadores, que estiveram, quer numa, quer noutra cerimónia a convite do Ministério da Defesa, apresentaram-se em trajes formais, o que expôs ainda mais o desajustamento de Chume.



Assim estava trajado Chume na cerimónia em causa

Nota da direcção editorial

O semanário Dossiers & Factos não foi publicado na semana finda, por conta de uma avaria grossa que paralisou o sistema informático, sobretudo o computador principal.

Desde o momento da avaria, esforços foram envidados para solucionar o problema com a maior brevidade, e resultaram numa solução provisória, que permite que hoje, 11 de Abril, o jornal esteja na rua.

A direcção editorial, ciente dos transtornos que o incidente terá ter causado, apresenta um sincero pedido de desculpas aos leitores, assinantes e parceiros.

QUITÉRIA GUIRENGANE QUER UMA REPRESENTATIVIDADE DE QUALIDADE

“A mulher não pode ser enfeite da prateleira do poder”

É uma das mais destemidas activistas sociais da actualidade e bate-se fortemente pelos direitos da mulher. Olha para a presença da mulher no Governo e na Assembleia da República com alguma satisfação, mas afirma que essa representatividade não deve ser apenas “teórica”, sob pena desta camada social transformar-se num adorno das prateleiras do poder. Quitéria Guirengane, que é Secretária Executiva do Observatório da Mulher e Presidente da Rede de Mulheres Líderes, questiona a indiferença das instituições face à violação dos direitos da mulher e da rapariga em Cabo Delgado e sublinha a necessidade de se dar mais atenção à mulher rural.

D&F Texto: Dossiers & Factos
Fotos: Albino Mahumana

Dossiers & Factos (D&F): Estamos no mês da mulher moçambicana. Como é que olha para esta mulher a nível político?

Quitéria Guirengane (QG): Devemos tomar o 7 de Abril para reflectir sobre o estado e a situação das mulheres, os desafios e conquistas. Nós fizemos isso olhando para os principais indicadores. Primeiro, a

representatividade. Como nós mulheres nos sentimos no espaço de liderança, decisão e no espaço de implementação, considerando que não é possível falar do desenvolvimento inclusivo e sustentável se mais da metade da população é deixada de fora dos processos. Perguntamos, ao nível da governação, local e central, como está a mulher? Como está ao nível do aparelho judicial, do parlamento? Discutimos a questão de equidade e hoje dizemos que o Governo moçambicano atingiu a equidade ao nível do Conselho de Ministros, mas ainda temos muitos desafios à nível local e, ainda, na Assembleia da República, apesar de Moçambique ser exemplo, em África, e, no mundo, em termos de números.

D&F: Mas se somos um exemplo, afinal o que falta fazer?

QG: É preciso nos questionarmos se esses números significam qualidade. Será que temos mais voz na mesa? Isso é importante, além da representatividade, sob pena de nos transformarmos em mobília para embelezar a prateleira do poder, sem, efectivamente, as questões das mulheres estarem em cima da mesa como prioridade nos espaços de decisão. É preciso olhar para diferentes respostas e sentir que há sensibilidade, que as mulheres que estão no poder nos representam quando há situações como as de Ndlavela, Matalane e Cabo-Delgado. É preciso que se levantem e falem, abertamente, não como a disciplina partidária orienta.

D&F: E no campo social, quais são os desafios?

QG: Podemos ter uma sociedade em que há homens que são preparados e educados para que sejam conscientes do impacto, até económico, da violência contra uma mulher. É preciso, igualmente, compreender as diferenças, que as demandas são diferenciadas de uma mulher que está na cidade e no campo. Essas dinâmicas todas influenciam e decidem como as mulheres se estruturam e participam no espaço social. Não entrando numa abordagem de que temos lições a dar às mulheres que estão nas zonas rurais ou que nós sabemos mais do que elas, é preciso fazer uma reflexão profunda sobre como é que essas mulheres e homens são envolvidos e participam nos processos de desenvolvimento. É preciso ter as suas realidades respeitadas e consagradas para que as políticas sejam uma medida que observa a todos, tenhamos consciência desta necessidade.

D&F: Muitas vezes, quando as mulheres fazem denúncias de assédio e violência não são ouvidas. Temos lá pessoas para atendê-las, mas não têm liberdade. Como interpreta esse facto aqui no país?

QG: Estivemos a discutir a Lei Modelo da SADC sobre a violência baseada no género, sobre as reformas que são necessárias e precisam de ser feitas para fortalecer várias leis e políticas para que se ajustem e respondam às dinâmicas da violência, não apenas em Moçambique, mas, também, ao nível da SADC. Em seguida, julgamos ser necessário perguntar o que nós temos de igual nos diferentes contextos, como é que podemos responder a essa dinâmica toda, como podemos nos fortalecer. Olhar para essas questões é importante, mas é importante numa reflexão profunda e abrangente. Há um assunto de que não se fala muito aqui em Moçambique: Há tráfico de mulheres, tráfico de órgãos humanos, estamos a ter mulheres a serem escravizadas, sexualmente, em Cabo-Delgado e não só. Como nós lidamos com essas dinâmicas? Será que nossas leis estão preparadas para responder a elas? Como nós lidamos com a violência protagonizada por quem tem o dever de proteger (policías e militares)? Como nós responsabilizamos os mesmos? A lei está bonita, mas não se aplica neste contexto, há mulheres que gritam por violência obstétrica (na maternidade), como lidamos com este tipo de violência? Também, há violência estatal, institucional. Então, nesses todos fenómenos, estamos entre avanços e retrocessos, precisamos de um diálogo mais realístico, sob pena de eles continuarem a se deteriorar ainda mais.

D&F: Nesse caso, pode-se afirmar que ainda não existe preocupação genuína com a situação da mulher da parte do Governo?

QG: Eu não posso afirmar que não faz parte da agenda governativa, o que posso dizer é que não é suficiente estar no discurso, não é suficiente estar no papel, se quando há um caso de violência contra mulheres a nossa Ministra de Género não se levantar, o nosso Gabinete da Mulher Parlamentar não a defender, haverá uma distância muito profunda entre aquilo que são as nossas conquistas formais, teóricas e aquilo que é a prática, a realidade das mulheres.



Quitéria Guirengane, activista social



ACTIVISIONISMO

E se a Polícia não transmite segurança aos cidadãos?

Sérgio dos Céus Nelson

A fase de preocupação massiva atinge a sociedade a cada dia. Andar pelas estradas torna-se sinónimo de “amedrontação” quando nos cruzamos com um polícia que, na sua tentativa (incorrecta) de exercer a sua “função/trabalho”, põe em causa diversos direitos individuais dos cidadãos.

De um lado, temos cenários de polícias que fazem patrulhas nas noites, cruzam-se com jovens brincando, convivendo nas artérias das suas zonas, e mesmo mostrando um documento que lhes identifique, vão continuando com a cena de os amedrontar, no sentido de arrancar algumas moedas, justificando que não se podiam fazer a locais do género de noite. Mas se não vamos brincar nas nossas zonas, casas, onde nos aconselham a ver a luz da lua?

Outros cenários são de polícias que até metem a mão no bolso do cidadão, chegando até a tirar a carteira do bolso de jovens arrepiados de tanto medo imputado por aqueles que muito os queriam ver sendo seus aliados. Uhm...tempos definem os mundos e caracterizam os cenários que vêm num futuro próximo!

Recentemente, vi dois jovens sendo maltratados por três policiais que faziam patrulha na zona da Mafalala, puxados com “chambocos” enquanto ouviam: “hoje vamos mostrar-vos quem somos”... “vamos levar-vos para dar uma volta, para que nos respeitem”. Tais afirmações continuam sendo uma autêntica prova da fragilidade que pode existir na formação do corpo policial, ou ainda da necessidade de consciencialização e capacitação frequente dos agentes da polícia no que tange à sua postura.

Espero que a associação que foi formada com o intuito de defender os direitos policiais não traga mais hegemonia/poder aos mesmos, mas sim crie sessões ou aulas, de forma a continuar a capacitação dos agentes da polícia, para perceberem como usar da sua autoridade e como confrontar os cidadãos.

O cenário que se vive hoje é de um autêntico terror. Já não se pode confiar nos agentes da polícia, porque quando o cidadão caminha vê sua pasta revistada de forma imprudente, são-lhe exigidos recibos de pertences, muitas vezes sem fundamentação. Ora, não se vai obrigar a sociedade a andar com recibos de tudo quanto compra, senão teria que andar com recibos de roupas interiores também.

É preciso que o modo de actuação dos agentes da polícia comece a ser moderado, porque são actos que podem e são julgados por lei. Não se pode brincar com os direitos dos cidadãos de forma banalizada, como se os policiais pudessem fazer e desfazer, como se ninguém os pudesse penalizar. É caso para dizer que ainda há muita limpeza por ser feita e são muitas cinquentinhas pagas

por cidadãos amedrontados, mesmo estando no seu direito.

Muitas vezes andamos pelas estradas e vemos jovens sendo “escortados” por agentes da polícia. Alguns, com certeza, de má conduta. Mas no meio desses, há muitos jovens que são ameaçados por andarem com seus pertences. Mas a coisa é a seguinte: prometem levar os jovens à esquadra para provarem que os bens lhes pertencem, e muitas vezes, pelo medo de já não ter como provar, os jovens acabam pagando algum no sentido de calar a boca aos policiais, e não terem que chegar à esquadra, local que deixou de transmitir segurança à sociedade.

Os tempos são outros por aqui. Se não se tomar posições e atitudes com vista a diminuir o muito “poder” que se vê nos agentes da polícia, certamente que vamos ter, nos próximos tempos, cenários desastrosos. Na verdade, já existem: rupturas com os direitos humanos de diversas vertentes, e nisso fica a dúvida: será que os agentes da polícia nos transmitem segurança ou mais medo...insegurança e atenta-

do aos nossos direitos fundamentais?

É caso para dizer que os bons tempos em que andávamos “de mãos dadas” com os policiais já se foram. Houve tempos, ainda que não fossem perfeitos, em que ver um polícia significava segurança e esperança de ver coisas mudarem, de ver índices de criminalidade reduzidos e muitas vezes sentíamos orgulho de ter uma força policial com a qual nos identificávamos. Mas hoje é totalmente o contrário, porque alguns agentes continuam sendo os que mais infringem a lei e desestruturam o bem-estar social.

A sociedade já está exausta de ser apontada com AKMs: Não quer ver armas no rosto de seus filhos. A máquina da justiça precisa ser reformulada...debatida e colocada em meditação para ver que soluções tomar, pois a desarmonia social e o medo vão continuando a ser o que reina no peito de muitos cidadãos que já não sabem se podem sorrir enquanto caminham pelas artérias da cidade de Maputo.

E assim vai continuando o nosso país... sem saber o que dele será feito nos próximos tempos.

Anúncio publicitário

DE VOLTA À TERRA DA BOA GENTE!

A partir do dia 10 de Outubro
voe de Maputo para Inhambane às
Quartas-Feiras e Domingos.

QUARTAS-FEIRAS

MAPUTO-INHAMBANE 11:00H | 12:00H

INHAMBANE-MAPUTO 12:30H | 13:00H

DOMINGOS

MAPUTO-INHAMBANE 11:00H | 11:30H

INHAMBANE-MAPUTO 12:00H | 12:30H

VOOS COM ESCALA EM CHIMBOIO

COMPRE JÁ O SEU BILHETE!

Visite www.lam.com.mz, Lojas LAM, Ligue para 1737 ou contacte a sua Agência de Viagens.



PRIMEIRO PONTO

Da manipulação à lavagem de dinheiro: o negócio da fé e o alimento espiritual dos pastores, profetas e bispos – parte 1

Nobre Rassul



Quem carrega a responsabilidade? Como a educação pode ser a chave para este problema? Como lidar com este mal que se instalou? De quem é a culpa? São tantas as perguntas que geram tremenda inquietação. A profanação religiosa nos dias de hoje é deveras preocupante e o crescimento insubordinado das religiões protestantes idem.

Algumas destas religiões já trazem os seus dogmas, a sua língua profana, outras apedrejam o português de Portugal por um brasileirismo que aliena os menos atentos. Em meio a isso, há as que carregam as práticas do curandeirismo maquiavélico misturado com tradições religiosas, ganhando mais espaço entre a população frágil com sede de espiritualidades e riquezas emergentes.

É notória a busca nas periferias pelos falsos profetas ou a onda crescente de procura pela educação religiosa, o que tem sido padronizado pelas famílias mais humildes ou desesperadas, que se socorrem nas normas que se coadunam com uma rigorosa educação dos seus filhos.

As mesmas tentam resolver problemas financeiros e de saúde com base na bíblia ou alcorão, gerando uma nova corrente religiosa que se aproveita das fragilidades da sociedade, onde vários jovens se entregam à vida religiosa sob falsas teocracias que vão gerando frustração e apegos à hábitos e convívios perigosos para a construção de uma nação.

O diagnóstico para uma problematização caracterizada por fragilidades comportamentais ou emotivas da sociedade moçambicana mostra problemas de renegação cultural derivados da escravização que forçou a acei-

tação da cultura ocidental, levando a que as nossas sociedades se auto-vitimizassem e se tornassem doentias ou essencialmente medíocres.

A nossa impotência face aos problemas que apoquentam o povo, caracterizada pelas péssimas qualidades de formação e alfabetização, além de índices de empregabilidade dramáticas – consequência da fraca industrialização –, falência técnica das fábricas, dependência do Estado como embrião de todos os problemas e má adopção de políticas públicas, assim como péssimos dirigentes, são factores na base desse problema.

Enquanto as outras nações tiveram domínio sobre as nossas políticas de educação cívica e cidadania e intervirem sobre os nossos princípios democráticos no funcionamento das instituições políticas do Estado e da nação, não se vislumbra mudanças.

É preciso estar atento às suas tácticas. Oferecem favores para a mudança do “conservacionismo ideológico” com objectivos de manipulação do sistema interno para o controlo do exercício de reflexão e conservação dos valores morais e de união. Desta forma, a solidez das nossas políticas internas é empobrecida, criando-se uma sociedade dependente de outras nações.

A formatação de uma nação passa pela implantação de estratégias religiosas e de marketing que visam defender outros modelos de vida e reconhecer os estereótipos. Este processo, igual ao implementado pelo colonizador para abrir a frente de exploração do solo pátrio e firmar bandeira, está sendo implementado pelas seitas e correntes religiosas de diversas proveniências ocidentais.

Alguns dos grupos religiosos têm a capacidade de manipulação e fragmentação do sistema de ensino, através da educação dos seus crentes com valores bíblicos originários de profecias criadas pela liderança, em que os valores de responsabilidade do crente face à igreja estão acima dos princípios morais e de educação para a cidadania transmitidos pelas escolas.

Face a esta realidade, a falta de implementação de instrumentos intelectivos e de acção para o desenvolvimento nos alunos de um conjunto de atitudes e competências necessárias para a participação consciente em qualquer que seja a religião ou seita religiosa é problemática.

A educação para os valores da cidadania e da democracia não pode constituir uma parte do processo pedagógico, mas o processo pedagógico em si mesmo. Esta fragilidade e outras que se denotam no ministério que tutela a Justiça e Assuntos Religiosos, assim como no Ministério do Interior, propiciam a entrada de grupos de mafiosos formados e cadeias religiosas que visam propagar a fé religiosa em Deus, mas com objectivo de lavar dinheiro e criar terreno para a máfia internacional controlar os seus interesses no país.

A falta de estímulos – nas escolas, universidades e na sociedade – à reflexão em cada aluno ou estudante em particular sobre o seu papel activo de desafiar dogmas estabelecidos pelas religiões e promover a emergência de uma consciência moral autónoma é, muitas das vezes, a centralidade da construção de uma nova identidade e carácter dos jovens face à tendências religiosas de manipulação comportamental e social.

MAYITABASSA!

Decisões unilaterais em relação às taxas fazem de Eneas Comiche o “Judas” de Maputo.

Por: NkassanaWaka-Tembe-nkassana@gmail.com.org



• Gestão e governação participava recomendam-se

Segundo Smith (2009), gestão participativa é como um arranjo institucional que tem como finalidade possibilitar a integração do público nos processos decisórios sobre as políticas públicas, permitindo, desta feita, a democratização do sistema político, o qual é conduzido dentro de um espírito de deliberação e contestação de ideias que favorecem os resultados e a qualidade das políticas públicas.

Na mesma esteira, Speer (2012) refere-se a um conjunto de arranjos institucionais que têm por objectivo facilitar a participação de cidadãos comuns no processo de desenho de políticas públicas, bem como a avaliação e monitoria dos gastos do governo. É na combinação destes dois factores que podemos concluir estar bem longe de uma abordagem de governação que inclua, na sua essência, o município como parte integrante.

Os recentes anúncios feitos pela edilidade da cidade de Maputo foram, ou melhor, são considerados o cúmulo da falta de diálogo permanente entre as autoridades municipais e o povo. Até pode haver uma justificação legal aceite neste conflito entre as festas ou actividades de diversão nas comunidades e as taxas impostas pelo Conselho Municipal de Maputo, mas justificação moral não há.

Este povo já sente no seu dia-a-dia uma vida de martírio, senão vejamos: todo aquele que precise de responder às suas necessidades básicas, desenvolvendo este ou aquele negócio, deve pagar a taxa da actividade comercial que exerce. Os municípios são obrigados a entrar em taxas tais como

de energia, de recolha de lixo - mesmo que se saiba que os serviços prestados não satisfazem. Recentemente, e com as portagens a crescerem em forma de cogumelos, populações do Grande Maputo estão a suportar o que alguma opinião pública considera ser o maior escândalo na relação municípios - gestores municipais. A cidade de Maputo tem estado a apresentar e, de uma forma sistemática, sérios problemas de gestão da frota de transporte urbano. As estradas estão completamente esburacadas, não há uma gestão rigorosa da disponibilidade do transporte público em termos de horário, ou seja, não existe definição do tempo mínimo para que o município possa servir-se deste ou daquele de transporte. Há uma anarquia generalizada por parte dos provedores privados dos transportes públicos e aqui já se conhece o mote do problema. Os encurtamentos de rotas, promovidos pelos cobradores, são amolecidos com os famosos 100 meticais no livrete e, sobre este ponto, são inúmeras as vezes em que já reportamos aqui, neste espaço, problemas de género.

Maputo virou uma cidade de imposições, os secretários, a seu bel-prazer, continuam a promover taxas para aquisição de uma simples declaração do bairro, apesar de a ministra da Administração Estatal ter, em público, condenado este tipo de práticas. Não se pode obrigar o povo a pagar pelos serviços a que não tem acesso, não se pode olhar para o bolso do cidadão como única e exclusiva alternativa para encher os cofres dos governos municipais.

As cobranças para qualquer tipo de serviço precisam responder às expectativas

que o povo tem. Precisa-se e recomenda-se melhorias nos serviços de transporte, saúde, água e saneamento, comércio, entre outros.

Não acho ser atitude correcta o que tenho visto pelas redes sociais. Uma personalidade como Eneas Comiche não pode ser diabolizada desta forma. Nosso presidente virou objecto de todo o tipo de gozo e falta de respeito. Todos o amaldiçoam e isto não é nada legal. Este homem fez muito por este país e deve preocupar-se em manter essa reputação. Para tal, que inclua os municípios nos processos de tomada de decisões como estas.

Vocês foram eleitos, sim, mas este povo que vos elegeu precisa de manter-se informado sobre vossas decisões. Temos noção certa de uma tal representação que temos através das Assembleias Municipais, mas parece não bastar este método de representação. As bases chamam pelos deputados para que melhor se informem da posição social dos municípios antes de aprovarem qualquer tipo de norma ou código proposto pelo governo municipal.

Vereadores das diferentes áreas de intervenção, por favor, sejam mais técnicos e com competência do dia-a-dia. Aparecer nos órgãos de comunicação social e afirmar esta intenção de cobranças coercivas não basta. Encontrem alternativas que possam apoiar na mobilização de recursos sem termos que reparar no bolso do cidadão como única e exclusiva fonte de arrecadação de renda.

Ainda estamos no Mês da Mulher, faça algo diferente e seja actor reconhecido na luta contra as uniões prematuras.

Anúncio publicitário

A SOLUÇÃO COMPLETA PARA O SEU NEGÓCIO

Termos e Condições Aplicáveis | Para mais informações envie um E-mail para corporate@tmcel.mz

COM O CIRCUITO ALUGADO & INTERNET DEDICADA

<div style="background-color: #008080; color: white; padding: 5px; border-radius: 5px; display: inline-block;">+ SEGURANÇA</div>	<div style="background-color: #008080; color: white; padding: 5px; border-radius: 5px; display: inline-block;">+ VELOCIDADE</div>
<div style="background-color: #008080; color: white; padding: 5px; border-radius: 5px; display: inline-block;">CONECTIVIDADE</div>	<div style="background-color: #008080; color: white; padding: 5px; border-radius: 5px; display: inline-block;">FLEXIBILIDADE</div>
<div style="background-color: #008080; color: white; padding: 5px; border-radius: 5px; display: inline-block;">FIBRA</div>	<div style="background-color: #008080; color: white; padding: 5px; border-radius: 5px; display: inline-block;">BANDA SIMÉTRICA</div>

HISTÓRIAS DE VIDA

Tradição africana é motivo para um estudo profundo

Seródio Towo-serodiotouo@gmail.com



Regressamos, depois de uma semana de interrupção forçada devido a uma avaria grossa que afectou parte do nosso equipamento informático, em especial, o computador principal. Apesar de a situação ainda não estar, totalmente, resolvida, com o apoio de alguns parceiros de boa-vontade, foi possível aliviar a pressão, com a paginação do jornal que está a ler neste momento.

Este episódio é mais um dos vários que fazem parte da rubrica “História de Vida” deste jornal, que, no presente ano, completa a primeira década da sua existência.

Na verdade, a história de vida que pretendo aqui contar não tem que ver com o jornal, mas sim com um acontecimento registado há pouco mais de duas décadas, na província de Inhambane.

José Penicela, nome fictício, era natural e residente do distrito de Govuro, na mesma província - Inhambane. Era dono de uma viatura de marca Isuzu KB e comerciante na sua zona de origem e residencial. Devido à natureza da sua actividade, era comum deslocar-se às capitais económica e política daquele ponto do país, respectivamente Maxixe e Inhambane, onde adquiria a maior parte dos produtos para a posterior revenda em Govuro.

Da Maxixe para o distrito de Govuro, a distância é de aproximadamente 225 quilómetros de Estrada, e um pouco mais para quem segue pelo mar.

O que sucede é que Penicela se deslocou para a cidade da Maxixe, onde fez compras, encheu a sua viatura e a cobriu com lona. Feito isto, e porque pretendia tratar doutros assuntos na outra margem da baía, foi encostar o veículo bem próximo à ponte-cais e trancou as portas, e entrou numa pequena embarcação à vela que estava pronta a atravessar para a cidade de Inhambane.

José Penicela era conhecido pelos

guardas que trabalhavam ali na ponte-cais. Saudou-os e pediu-lhes que ficassem a cuidar do seu carro. O barco iniciou a viagem de travessia, mas um infortúnio acontece minutos depois, quando este naufraga, matando 14 dos 17 ocupantes, incluindo José Penicela, que a partir de então foi dado como desaparecido.

Durante quatro dias, as equipas de socorro se desdobraram em busca dos corpos ou prováveis sobreviventes, e o corpo de José Penicela era o único que não era localizado. No quinto dia, quando menos se esperava, eis que, curiosamente, no início da tarde, chegam à ponte-cais da Maxixe três indivíduos que se identificaram como familiares do dono da viatura Isuzu KB, neste caso, José Penicela.

Para o espanto dos guardas e de alguns agentes da polícia, estes três indivíduos, ao serem informados que o dono da viatura desaparecera no naufrágio ocorrido dias atrás, confirmaram que o mesmo havia perdido a vida e disseram que o corpo já tinha sido enterrado em Govuro, onde foi sobressair.

Sim, isso mesmo! O corpo foi sobressair a 225 quilómetros de distância da Maxixe, local onde aconteceu o naufrágio.

Ora, esta informação deixou estupefactos os agentes de segurança, que de imediato envidaram os esforços para contactar as autoridades policiais de Govuro, que confirmaram ter sido encontrado junto à margem do mar em Govuro o corpo de José Penicela, que, em vida, residia, justamente, na localidade para onde o corpo foi sobressair. Note que o corpo de José Penicela sobressaiu, exactamente, na localidade onde residia, três dias após o naufrágio na Maxixe. Nos bolsos das calças da sua balalaica, foram encontrados alguns dos seus pertences, com destaque para a carteira, contendo os documentos pessoais, dinheiro e as

chaves da sua viatura.

No entanto, foi ao longo da noite do dia em que o corpo sobressaiu em Govuro que os seus familiares viram-se uma vez mais obrigados a sair em busca de curandeiros para saberem o que é que teria acontecido com o seu já entequerido. Aliás, dada a demora para voltar à casa, as suas duas esposas e o filho mais velho, saíram, isso no segundo dia, em busca de “tintlholo” - consulta tradicional que, geralmente, é feita pelos curandeiros - e, lá, foi-lhes dito que ele estava a caminho de casa, mas deviam-se preparar porque podia chegar sem vida. Acrescentaram-lhes que estava acompanhado pelos seus defuntos, em especial, pela sua avó, que, ao que se conta, perdeu a vida, também, no mar.

Este episódio menos comum deixou perplexa algumas comunidades das localidades circunvizinhas daquela onde José Penicela nasceu e cresceu. O outro dado curioso é que, na loja onde o malogrado vendia, muita gente da comunidade levantava os produtos a título de empréstimo-vale, e não tinha registo nenhum em caderno, mas, semanas depois da sua morte, José Penicela aparecia nas noites em casas dos devedores a exigir que estes fossem pagar o devido.

Essas dívidas foram devidamente pagas e cada um que se deslocasse para o efeito levava consigo um cabrito, que servia de pedido de perdão à família. Todo o ritual a ser feito era informado pelo próprio devido ao devedor durante a visita nocturna que este efectuava, e ainda dizia se o devedor devia levar uma fêmea ou macho.

Esta história e outros acontecimentos narrados aqui nesta página, mas não só, constituem motivos para se afirmar que os nossos hábitos, usos e costumes, a tradição africana, necessitam de estudo profundo para serem entendidos e melhor interpretados.

EM INHAMBANE

Milhares de famílias desesperam pelo subsídio da Covid-19

Numa altura em que passa quase um ano após ter sido entregue a primeira tranche do subsídio a mais de 50 mil famílias seleccionadas no âmbito da mitigação dos impactos da Covid-19, não se sabe se a segunda tranche será desembolsada, como estava previsto. As famílias manifestam inquietação, um sentimento que o director provincial da Acção Social em Inhambane, Samuel Júnior, reconhece ser justo, mas alega “falta de fundos” para justificar a estagnação do processo.

D&F Texto: Anastácio Chirruete, em Inhambane

Moçambique, à semelhança de outros países africanos, recebeu diversos apoios financeiros e materiais vindos de diferentes cantos do mundo e destinados às populações mais necessitadas, de forma a mitigar os impactos da Covid-19. Como efeito, o Ministério do Género, Criança e Acção Social iniciou com o processo de selecção e inscrição de possíveis

beneficiários.

Na província de Inhambane, por exemplo, foram seleccionados apenas cinco distritos com a categoria de vilas e cidades municipais, nomeadamente Maxixe, Inhambane, Quissico, Massinga e Vilankulo, abrangendo mais de 54 mil famílias. Para cada uma delas, estava previsto um subsídio de 9 mil meticais, dividido em três fases de três mil meticais cada. O valor seria canalizado através da banca, quer tradicional, quer móvel.

Passados muitos meses, e depois de alguns beneficiários começarem a perder as esperanças, iniciou o processo de distribuição da primeira fase, no valor de três mil meticais por agregado familiar. A expectativa era que o mais breve possível fosse canalizada a segunda fase, segundo o que havia sido prometido, mas até agora nem água vai, nem água vem. Os beneficiários continuam sem ter informações sobre o paradeiro do dinheiro a que têm direito.

Segundo alguns beneficiários ouvidos pela nossa equipa de reportagem, não há dúvidas de que o valor pode ter sido desviado para os

bolsos de alguns funcionários de má-fé, pois entendem não fazer sentido que um fundo destinado aos mais necessitados leve muito tempo para chegar aos beneficiários.

Hortência Samuel, do bairro Rumbana 3, no município da Maxixe, faz parte da lista dos que há meses aguardam pelos restantes seis mil meticais. Conta que mesmo a primeira fase decorreu de forma muito turbulenta, havendo casos em que receberam mais de três pessoas da mesma família, entre pais, filhos e netos. São, na sua maioria, familiares directos dos líderes comunitários, explicou.

“Desde que recebemos os três mil meticais da primeira fase, em Maio do ano passado, até hoje não estão a dar-nos outro dinheiro, e não dizem nada. A Covid-19 ainda existe e nós continuamos a sofrer. Afinal, onde está o nosso dinheiro?”, questionou dona Hortência.

Há beneficiários que já perderam a vida

Ao contrário da senhora Hortência, Jorge Rungo ainda não recebeu nem sequer o dinheiro da primeira fase, apesar de o seu nome constar da base de dados dos beneficiários. Diz desconhecer os motivos e acusa as autoridades de estarem a fugir das suas responsabilidades.

Aliás, segundo a mesma fonte, “o processo de recolha de dados aconteceu em Setembro de 2020, um ano depois da eclosão do coronavírus em Moçambique, mas o próprio subsídio só veio a ser entregue aos beneficiários em Maio de 2021, uma situação que constitui uma autêntica violação dos direitos humanos”.

“O valor já estava disponível nas contas há bastante tempo, mas até agora não estamos a ver nada. Conheço muitos beneficiários que já perderam a vida sem que tivessem visto a cor desse tal dinheiro. Pergunto agora: Como vai ficar a situação daqueles beneficiários que perderam a vida mas tendo sido inscritos para receber apoio, será que os filhos terão direito a receber esse valor?”

No terreno, o Dossiers & Factos conseguiu recolher depoimentos de algumas famílias que perderam seus entes queridos, alguns tendo apenas se beneficiado da primeira fase, e outros nem por isso.

Ernesto Guirruço, por exemplo, vive no bairro Muelè, na cidade de Inhambane, o seu avô, de 83 anos de idade, perdeu a vida em Agosto de 2021, três meses depois de ter recebido apenas os três mil meticais da primeira fase. Questiona como será tratado o seu caso, uma vez que já não faz parte do mundo dos vivos.

“Eu preciso saber como vai ficar o processo do meu avô. Ele perdeu a vida em Agosto do



Samuel Junior, director distrital da Acção Social

Continua na Pag 15

REFILLER BOY E A FRONTALIDADE DE COSTUME

“As pessoas tratam o PR como uma flor”

Ainda na senda da celebração dos 10 anos do semanário **Dossiers & Factos**, trazemos hoje uma entrevista que nos foi concedida por **Refiller Boy**, em 2013, um pouco depois de lançar duas músicas “atacando” o Governo. Uma delas abordava a forma como o Governo tratara o povo vítima das cheias em Chókwè, e criticava uma badalada festa de aniversário do então presidente, Armando Guebuza, transmitida em directo pela Televisão de Moçambique. Sempre frontal, o músico diz que os moçambicanos cuidam do PR como uma flor que não pode cair, e exige a mesma postura dos dirigentes.

D&F Texto: Seródio Towo

DOSSIERS & FACTOS (DF) - Depois de publicar a música “Cinzentinha”, que inclusive lhe custou sevícias e prisão, recentemente voltou à carga com mais dois temas polémicos. Pode falar-nos do propósito destes dois últimos temas em que ataca directamente o Presidente da República e demais governantes?

REFILLER BOY - (RB) - O surgimento destas músicas deve-se a factos reais que aconteceram durante as cheias em Chókwè, não só lá, mas também noutras partes do país que sofreram esse tipo de calamidade. Então, sendo músico atento ao dia-a-dia dos moçambicanos e sempre interessado em fazer letras inspiradas nos acontecimentos reais, não perdi a oportunidade e privilégio de editar estes dois temas que julgo estarem recheados de verdade.

DF - Os políticos do partido no poder entendem que ofendeu o dirigente máximo do partido. Concorda com isso?

RB - Eu acho que não há nenhuma ofensa, mas em Moçambique as pessoas percebem mal as coisas. Eles deviam saber que não há nenhum dirigente sem os dirigidos, então eu sou um dos dirigidos por um dirigente e sinto-me no direito de reclamar se algo não está a andar bem. Mas atenção! A essas pessoas que pensam que ofendi o presidente do Partido Frelimo e da nação toda, deixo o seguinte recado: eu não sou contra o presidente da Frelimo ou da República. Estou

sim contra algumas atitudes de certos dirigentes, sei lá se ele é incluído. Eu acho que o problema de alguns dirigentes é de lutar com um fantasma, não sabem de onde e como começar um problema. Por exemplo, há uma campanha que está em curso e que visa impedir a circulação e venda dos meus trabalhos, e isto é feito por alguns dirigentes da Frelimo, guiados pelo espírito de escovismo. Para tal, usam muitos compatriotas nossos sem visão para mudanças e que banem os meus trabalhos por serem críticos. Muitos desses coitados nem sequer me conhecem, mas deixam de fazer o seu trabalho e passam a vida a falar mal dos outros.

DF - Não será a mesma coisa que está a fazer?

RB - Não! Eu estou a falar a verdade e acredito que sabe muito bem que a verdade dói, mas deve ser dita. Eu simplesmente canto verdades e o sentimento do povo. É o contrário daquilo que eles fazem em relação à minha pessoa. Eles falam mal de mim, acusam-me de ser da oposição, sem saberem a verdade. Nesse caso, eu faço parte do povo, sou o povo dirigido e eles são os dirigentes, então eles têm o dever de entender, não podem privar ou barrar o pensamento do povo, devem usá-lo para melhorar a governação e desenvolver o país. Sinto também que eles não podem fazer aquilo que querem, eles devem entender muito bem que não há nenhuma diferença em dizer que o Presidente da República é um empregado do povo, ele deve cumprir os seus “deveres” para com o povo, pois se votamos, quer dizer que nós escolhemos alguém para ficar naquela cadeira, porque não podemos ficar todos. O que acontece aqui neste país é que votamos alguém para ficar lá, e quando está no poder esquece-se que naquela sombra foi posto, e diz: ‘aqui é meu lugar, aquelas são minhas pessoas’, mas de concreto não existe pessoa de ninguém! Infelizmente, é o que acontece.

DF - Deseja ver uma mudança do regime?

RB - O meu desejo não é ver mudado o Governo, mas sim a forma de governar. Pessoalmente, penso que podemos mudar, então é desta forma que eu faço a minha crítica, com o intuito de mudar a forma de governação, não concretamente o próprio governo da Frelimo.

“Canto para aliviar a minha dor e a do povo mudo”

DF - De concreto, o que diz a música sobre as cheias?

RB - Falando seriamente, ela retrata o meu ponto de vista em relação ao sucedido, visto que não tenho espaço para estar no Parlamento, porque é lá onde eu podia dizer directamente as coisas. Então esta é a forma encontrada por

mim para aliviar a minha dor e a de outros dirigidos, entanto que povo. Eu falo ou canto o que o povo fala, eu faço chegar as palavras e o sentimento do povo “mudo” aos dirigentes, através desta forma musical, porque para chegar lá onde eles estão e dizer-lhes o que se diz e é sentido cá do lado da pobreza, posso encarar muitas dificuldades.

DF - Mas não respondeu à minha questão!

RB - Sim, irei responder mais adiante.

DF - No seu entender, o que de errado aconteceu na gestão destas calamidades?

RB - Foi a forma de tratar o povo, trataram muito mal o povo, inclusive a mim, porque não tivemos condições. Se nos tivessem garantido condições mínimas, valeria a pena, mas deram-nos condições péssimas.

DF - Pode detalhar?

RB - Imagine que não tínhamos comida, as condições eram extremamente desumanas, cada qual vivia à sua maneira. Isso me dói muito e submeteu-me a uma reflexão rápida de que quando certo dirigente visita um distrito ou um ponto qualquer, as populações tiram do pouco que têm e dão como oferta e símbolo de alegria por receber um dirigente seu. Não sei se já acompanhou o que nós, população, fazemos quando o Presidente da República sai em presidências abertas. Oferecemos-lhe muitas cabeças de gado bovino, caprino, ovinos, e todo o tipo de animais e comidas que produzimos. Mas quando já é o povo o empenho é muito baixo, não se preocupam com o povo, então por quê? Gostaria que mudassem este tipo de atitudes e acredito que muitos outros irmãos do lado de cá da pobreza também assim o querem. É necessário que o dirigente encare o povo como sendo dele para dirigir e não considerar como algo para lhe gerar riquezas.

“As pessoas levam o PR como uma flor que não pode cair”

DF - Não acha que eles não estão contra as críticas, mas sim contra a forma como Refila Boy as coloca?

RB - Eles estão contra a forma como exponho as preocupações, mas eu resolvi ser directo, porque muitos dos artistas que vieram atrás eram indirectos e os governantes, de certeza, não entendiam e não conseguiam ouvir. Ou ouviam, mas depois desleixavam. Então, eu quero que saibam que estamos a dizer a eles que nós queremos isto. Indirectamente não vale a pena, alguns artistas morreram a tentar indirectamente. Sabe, o que acontece em Moçambique é que as pessoas levam o Presidente da República como uma flor que não pode cair. Sim! Mas essa flor deve deixar bonito o seu povo, pois se o povo trata bem o Presidente da República, ele também deve tratar bem o povo. Deve saber que o povo é seu filho, e não o usar como um instrumento.

DF - Na sua recente música que fala das cheias, a dado momento faz referência à festa do PR. Diz que assistimos à festa dele pela televisão enquanto muitos moçambicanos morriam. Acha que o PR não devia realizar a festa do seu aniversário?

RB - Ele podia realizar a festa, assim como muitos o fazem, o aniversário é dele. Mas é uma coisa a que nós não estamos habituados, e julgo que ele não devia realizar a festa do seu aniversário com uma transmissão televisiva em directo. A festa dele é um assunto privado e, assim sendo, não havia necessidade de uma transmissão em directo durante várias horas. Lembre-se que três dias antes da majestosa festa dele, as cheias já vinham destruindo e a festa estava a rolar. A festa podia



Refila Boy é um dos músicos mais polémicos da praça

rolar, mas não mostrar na televisão, muitos não tiveram informação, porque aquele espaço que era para anunciar ou dizer ao povo sobre a situação das cheias, para que tomasse precauções, foi ocupado pela festa do Presidente, e isso foi muito feio, muitos criticam e inclusive eu.

DF - Nesta mesma música também fala da visita do Presidente a Chiaquelane. Diz que o Governo pediu para que agentassem, e não era possível aguentar, qual era o discurso que o Governo devia ter levado às populações afectadas?

RB - Ali não precisava de discurso nenhum, mas sim era necessária ajuda pontual e séria!

DF - Mas não houve ajuda?

RB - Não quero negar que houve ajuda, mas foi uma ajuda muito insignificante, até que em 2000 tivemos uma ajuda que valeu a pena um pouco, mas desta vez foi muito pouca! Já imaginou o que é dar um quilograma de arroz a uma família para se alimentar durante vários dias? Uma sardinha de 250 g para duas famílias partilharem, digo famílias e não pessoas. Não acha que isso é complicado? São coisas que vivemos ali no centro de acolhimento.

“Onde foram buscar milhares de cabeças de gado?”

DF - Depois da música que retrata os efeitos das cheias, semanas seguintes lançou outra novamente a atacar os dirigentes, principalmente os que detêm centenas de cabeças de gado. Porque fez essa música?

RB - Simplesmente fiz uma pergunta: como é que essas pessoas têm muitas cabeças de gado bovino? Imagine alguém que tem cerca de duas mil, outros até tem cinco mil cabeças de gado. Onde arranjam? Mas se alguém tiver como me explicar em relação a esta questão, melhor seria. Para mim, tem piada que essas mesmas pessoas que ostentam toda esta riqueza são indivíduos que também viveram os efeitos da guerra de desestabilização que durante dezasseis anos flagelou o país. Onde é que estava esse gado, pois o do povo desapareceu?

DF - Com esta afirmação o que pretende dizer?

RB - Eu quero uma reflexão sobre tudo e feita por todos. Para pelo menos me dizerem ou explicar onde eles adquiriram esse gado.

DF - Mas houve repovoamento do gado bovino!

RB - Repovoamento? Depois de quanto tempo? Houve repovoamento, devolveram o gado? Devolveu-se o gado do tal do repovoamento? É o que quero entender! Preste atenção que todos crescemos a saber que quem matou no país foi a Renamo. Quem roubou o gado bovino também foi a Renamo. Mas se prestarmos atenção, quem ostenta riqueza acima da média, através da criação de gado, não são pessoas da Renamo. E se me fala de repovoamento do gado bovino, pergunto: era para o povo ou para os dirigentes? Ou por outra, quem é o dirigente da Renamo ou de qualquer movimento político que conhece que tenha mais de duas mil cabeças de gado bovino?

DF - E se não houver resposta?

RB - Se não houver resposta também não há problema, mas a questão está lançada!

“Moçambique não é tão pobre como pensamos”

DF - Preocupa-lhe alguém ter duas mil cabeças ou mais?

RB - Preocupa-me tanto, porque chego a deduzir que Moçambique não é tão pobre como nós pensamos, mas algumas pessoas usam o país para pedir esmola no exterior, é o que me chega à cabeça! Não é possível numa família dizerem que esses são pobres enquanto, ao olharem para o tipo de vida que o pai leva, é típico de um empresário nos Estados Unidos da América ou de um outro país super desenvolvido.

DF - Acha que é possível todos os moçambicanos serem ricos?

RB - Que pergunta! Em nenhum momento disse



Actualmente a viver na África do Sul, revelou no ano passado que a Frelimo quis assassinar-lhe

isso. Talvez está preocupado com o exemplo que dei de um pai, neste caso o pai da nação. A verdade é que muitas vezes nós escolhemos um pobre professor para um certo cargo, como, por exemplo, o de presidente de uma autarquia, vila ou mesmo cidade, e este apenas leva consigo a sabedoria, mas, depois de estar por lá, você vai notar que em 10 anos de mandato nada fez para o município, apenas sua vida é que terá mudado. Muitos viram grandes empresários. Não acha que é absurdo?

DF - É o que acontece neste país?

RB - Acontece muito mesmo!

DF - Tem alguns exemplos?

RB - Não posso citar! Mas acontece muito, então é exactamente por isso que quando digo que existe isso, as pessoas dizem não, está a falar de fulano de X! Por-

que sabem que é aquela pessoa que tem!

“Os nossos governantes são desleixados”

DF- Fala muito sobre pobreza e manifesta sua preocupação com isso. Mas acho que o PR também se manifesta preocupado com a pobreza do seu povo. Por que critica o Governo?

RB - Acho que se ele está preocupado, então está do meu lado! Porque eu também estou preocupado em querer ver o povo moçambicano a sair deste tipo de crise. Mas atenção que existem duas formas de se preocupar. Primeiro, há que se preocupar, mas não se fazer sentir, e também pode estar preocupado fazendo-se sentir fortemente. O meu problema é que não tenho como, mas não é falando que você vai conseguir sair da pobreza, é preciso empenhar-se trazendo formas de como esse povo vai sair dessa pobreza absoluta.

Preste atenção que todos crescemos a saber que quem matou no País foi a Renamo. Quem roubou o gado bovino também foi a Renamo. Mas se prestarmos atenção, quem ostenta riqueza acima da média através da criação de gado não são pessoas da Renamo

INSS escala empresas pedreiras na Zambézia

Empresas do ramo pedreiro estão a ser alvo de campanhas de sensibilização por parte do Instituto Nacional de Segurança Social (INSS) - Delegação Provincial da Zambézia, com vista à sua inscrição e dos seus trabalhadores, tendo em vista o seu futuro social e das respectivas famílias. Trata-se de uma actividade inserida no âmbito da divulgação da legislação sobre a Segurança Social Obrigatória, com destaque para o Regulamento da Segurança Social Obrigatória, aprovado pelo Conselho de Ministros, através do Decreto 51/2017, de 9 de Outubro, assim como o Decreto 29/2021, de 12 de Maio, que regula o perdão de multas e a redução de juros de mora a empresas devedoras ao sistema gerido pelo INSS.

D&F Texto: Quelto Janeiro

Uma brigada do INSS, chefiada pelo respectivo delegado provincial na Zambézia, Paulo Majacunene, trabalhou há dias nas pedreiras de Langozi e Zarpel, Lda, de capitais nacionais, localizadas no distrito de Morrumbala, ao longo da estrada nacional nº 1, com 15 trabalhadores cada. Abordou a necessidade de os trabalhadores se inscreverem no sistema, como for-



INSS continua com campanhas de sensibilização em todo o país

Paulo Majacunene, que explicou aos participantes na palestra sobre os deveres e os direitos de cada um, chamou ainda atenção para o facto de não bastar apenas que o contribuinte ou o beneficiário se inscreva ou contribua para o Sistema de Segurança Social.

ma de salvaguardar a sua vida futura e presente, conforme está previsto na lei sobre a matéria.

Paulo Majacunene, que explicou aos participantes na palestra sobre os deveres e os direitos de cada um, chamou ainda atenção para o facto de não bastar apenas que o contribuinte ou o beneficiário se inscreva ou contribua para o Sistema de Segurança Social, referindo que também é preciso que estes conheçam intimamente os direitos que lhes assistem, bem como a razão da contribuição realizada para a Segurança Social.

O delegado provincial do INSS na Zambézia mostrou-se, igualmente, preocupado com o facto de o sub-sector pedreiro constituir um dos poucos activos em matéria de inscrição e contribuição ao Sistema de Segurança Social, inclusive em participação nas palestras que são organizadas pela sua instituição para facilitar a interpretação da legislação e o esclarecimento de diferentes questões, muitas vezes não de muito domínio, não apenas por parte de alguns trabalhadores, como também dos próprios empregadores.

O INSS tem estado a acompanhar a dinâmica do mercado, indo, fisicamente, ao encontro das empresas e de outras unidades de produção, para além de criar condições que permitam que o sistema esteja à altura das exigências do mesmo e que esteja mais próximo dos utentes e da sociedade em geral, estratégia que culminou com a informatização e modernização geral do sistema, sendo já possível que o público, através das tecnologias de informação e comunicação, aceder aos serviços prestados em tempo recorde e a partir de qualquer lugar.

Continuação da Pag 11

ano passado, vítima de doença. Ainda falta a segunda fase do subsídio. Nós, como família, temos ou não direito de ficar a receber esse tal dinheiro?”

“Em Setembro de 2020, o meu pai foi ao secretário do bairro entregar o seu nome para poder receber o valor da Covid-19, mas em Janeiro de 2021, ele ficou muito doente e não resistiu, tendo perdido a vida. Em Maio do mesmo ano, iniciou o processo de distribuição de dinheiro. Eu pessoalmente levei os documentos do meu falecido pai e fui apresentar, mas nenhum dos funcionários se dignou a me atender, apenas mandaram-me aguardar e nunca mais me atenderam”, relata uma outra fonte, que não quis ser identificada.

Governo sem previsão

A nossa equipa de reportagem entrou em contacto telefónico com o director provincial da Acção Social em Inhambane, Samuel Júnior, para buscar esclarecimentos deste processo. A fonte reconheceu serem justas as inquietações dos beneficiários, porém invocou a falta de fundos financeiros como factor que condiciona o arranque da segunda fase deste processo.

“Não temos indicação, ainda. Pagamos os primeiros dois meses, no valor de três mil meticais. Faltam quatro meses. Não temos a comunicação da data porque aguardamos a disponibilidade do valor, porque é um fundo externo e não provém do Orçamento do Estado. Porém, o certo é que os beneficiários serão pagos todo seu dinheiro em falta logo que estiver disponível na conta”, disse.

Segundo aquele dirigente, a expectativa era que todos aqueles que não beneficiaram do valor na primeira fase pudessem receber todo acumulado na segunda fase, mas garante que isso não passa de um “sonho”.

“Por este ser um programa temporário, os beneficiários podem ir acumulando o seu dinheiro até um certo período e ter todo dinheiro de uma única vez”, disse, acrescentando que

“Desde que recebemos os três mil meticais da primeira fase em Maio do ano passado, até hoje não estão a nos dar outro dinheiro, e não dizem nada. A Covid-19 ainda existe e nós continuamos a sofrer. Afinal, onde está o nosso dinheiro?”



Beneficiários não entendem as razões da demora

“em Dezembro do ano passado fizemos a segunda rodada, que era para pagarmos aqueles que não puderam receber na primeira fase, mas mesmo assim não conseguimos abranger a todos, há quem não se fez presente e essas pessoas que faltaram podem ser algumas daquelas que já perderam a vida, outras mudaram de residência”.

A outra possibilidade levantada pelo director provincial da Acção Social sugere que algumas pessoas poderão ter sido inscritas numa altura em que estavam praticamente de férias, já que a Covid-19 paralisou várias actividades. Assim sendo, diz ser provável que tenham re-

tomado os seus postos de trabalho, o que explicaria o facto de não terem recebido o valor.

Por outro lado, afirmou que a Acção Social não tem conhecimento oficial dos beneficiários que tenham perdido a vida, e também disse não ter orientações expressas para pagar o subsídio aos familiares de beneficiários que já tenham perecido.

“Há-de ter que se perceber que esse beneficiário morreu, vamos ter que reportar a nível central, mas neste momento não há nenhuma orientação expressa que diz que podemos pagar o valor ao familiar. De princípio, paga-se o valor à pessoa que foi inscrita, é por isso que, no acto de pagamento, os profissionais levam tablets, que é para verificar o nome e a fotografia”.

Questionado sobre o porquê de o processo não ter abrangido todos os distritos da província de Inhambane, o director provincial da Acção Social respondeu nos seguintes termos: “Quanto a questão de abrangência dos distritos, tem a ver com a disponibilidade dos fundos. O valor que nos chegou permitiu que contemplássemos apenas cinco distritos”, argumentou, para depois tranquilizar os restantes distritos.

“Não temos só aquele programa, temos também outros programas de protecção social e alguns deles não são implementados em todos os distritos. Por exemplo, o Programa de Acção Social Produtiva é implementado em apenas quatro distritos e não entram aqueles distritos que foram contemplados no âmbito da Covid-19”.

CONFLITO EM TIGRAY

Etíopes empenhados em afastar ingerência ocidental

O governo do primeiro-ministro Abiy Ahmed decretou, na última semana, uma “trégua humanitária unilateral” para permitir “a livre circulação de ajuda humanitária para quem precisa de assistência” na região do Tigray. Poucas horas depois, os rebeldes da Frente de Libertação do Povo do Trigay (TPLF) concordaram em cessar as hostilidades e pediram ao executivo “a apresentação de medidas concretas para facilitar o acesso à região”. Poderá ser este o início do fim da guerra em Tigray?

D&F Texto: Cortesia

O que está claro é que a Etiópia não precisa de interferência estrangeira para resolver seu conflito interno. Os etíopes têm a sabedoria de resolver seus problemas e estabilizar as situações por si mesmos.

O gabinete do primeiro-ministro etíope ultimamente tem reiterado o seu pedido a alguns governos estrangeiros para que parem de intensificar continuamente a “retórica da desgraça” sobre a situação de segurança no país em geral e em sua capital em particular.

Embora existam conflitos em certas áreas, o secretário de imprensa do gabinete do PM disse que também é errôneo tratar todo o país como estando mergulhado numa guerra civil total.

“O governo etíope repete que o medo e o pânico sobre a situação em Adis Abeba e no país são irresponsáveis e desnecessários” disse Billene.

“É extremamente decepcionante que alguns parceiros-chave estejam assumindo a liderança aqui, encorajando e mobilizando outros parceiros para intensificar ainda mais essa retórica de destruição”, disse aquele responsável.

“Criar uma atmosfera de medo e insegurança para fins políticos deve ser totalmente rejeitado”, acrescentou Billene.

O secretário de imprensa reiterou ainda que as forças de segurança etíopes estão a conseguir “uma vitória militar decisiva sobre o grupo terrorista e a reconquista do controlo de áreas, como tem sido testemunhado nos últimos dias”.

Comentando sobre a campanha de desinformação que está sendo travada pelo TPLF, a fonte disse que as plataformas de mídia social estão a silenciar as vozes pró-Etiópia e tentando trazer mudanças de regime.

“Nas mídias sociais, acreditamos particularmente que o Twitter está a mirar e a suspender vozes pró-Etiópia que estão a aumentar a conscientização sobre as atrocidades do TPLF e suas mentiras”.

A China, juntamente com a Rússia e a Índia,



A guerra de Tigray começou em 2020 (DW)

opôs-se às sanções à Etiópia propostas pela Islândia ao Conselho de Segurança da ONU – uma medida apoiada pelos EUA e outros países ocidentais. Esses países demonstraram a confiança na capacidade do governo etíope de controlar as coisas e proteger todos os cidadãos etíopes.

“Continuamos a apoiar as iniciativas de paz de Olusegun Obasanjo, que estão a ser realizadas sob os auspícios da União Africana”, disse o ministro dos Negócios Estrangeiros da China, acrescentando que o Governo da Etiópia “está pronto para estender suas propostas de paz para dar uma resolução pacífica ao problema em curso”.

“A China opõe-se a qualquer tentativa de interferir nos assuntos internos da Etiópia”, disse ele.

Em Novembro passado, dezenas de milhares de etíopes marcharam na capital, para apoiar o governo, onde acusaram os Estados Unidos de suposta interferência nos assuntos internos da Etiópia. Washington instou seus cidadãos a deixarem a Etiópia imediatamente, enquanto a situação de segurança ainda permite.

“Nós etíopes respeitamos a soberania de outras nações” e “nós etíopes somos guardiões e ícones da liberdade dos africanos”. Essas declarações foram os slogans dos cidadãos da capital em torno de algumas embaixadas, para alarmar alguns países ocidentais, incluindo EUA e Reino

Unido, para não pressionar a Etiópia.

Os manifestantes também pediram à CNN, BBC e outros meios de comunicação ocidentais para que evitem divulgar informações falsas sobre a Etiópia para difamar o país e influenciar seu governo. Os manifestantes ecoaram mais slogans como “a verdade prevalecerá”, “interferência não é sobre democracia”, “EUA tirem as mãos da Etiópia” e assim por diante.

Etiópes, outros cidadãos de origem etíope e amigos reuniram-se em mais de 20 cidades da Europa e América do Norte com “No More!”, campanha para levar a verdade da Etiópia à comunidade internacional. A manifestação teve como objectivo reduzir a pressão externa e a interferência nos assuntos internos do país.

A Etiópia é o ícone histórico de África e é por isso que algumas administrações e organizações ocidentais estão a trabalhar para criar uma Etiópia falhada, como estratégia para dominar e manipular o continente. No entanto, entendendo essa conspiração, muitas diásporas etíopes e outros irmãos africanos reuniram-se para a denunciar, disse Selamawit Kassa, ministro de Estado do Serviço de Comunicação do Governo, numa entrevista colectiva na segunda-feira. Ela também pediu à diáspora que apoie o país na estabilização da economia, enviando mais remessas por um meio legal, já que alguns governos ocidentais estão a aplicar sanções económicas.

EM QUISSICO, INHAMBANE

INNOQ atento aos esquemas nas bombas de combustíveis

Há algumas semanas, o Governo moçambicano, através da Autoridade Reguladora de Energia (ARENE), anunciou o agravamento dos preços dos combustíveis. A gasolina subiu dos anteriores 69,94 meticais para os actuais 77,39 meticais; o diesel de 61,71 meticais para os actuais 70,97 meticais; o petróleo de 47,95 meticais para 50,16 meticais; e, finalmente, o gás de cozinha passou a custar 80,49 meticais por quilograma, contra os anteriores 71,2 meticais.

D&F Texto: Anastácio Chirruete, em Inhambane

Como consequência, a Associação dos Transportadores Rodoviários de Inhambane, reunida em assembleia-geral, decidiu agravar, igualmente, o preço dos transportes inter-districtais, sendo que as novas tarifas entram em vigor hoje, 11 de Abril.

O momento é de grande dificuldade para a generalidade dos moçambicanos, por conseguinte, revela-se um espaço fértil para o oportunismo. Práticas tais como a viciação de balanças ou adulteração dos combustíveis tornam-se frequentes. São essas práticas que o INNOQ quer evitar. O alcance deste objectivo passa, necessariamente, pelo incremento das competências de quem tem de lidar com estas matérias.

Para fazer face ao aperfeiçoamento técnico dos agentes fiscalizadores, a vila autárquica de Quissico, província



Com esse gesto, o município de Quissico já é competente para fazer a verificação da qualidade.

de Inhambane, acolheu, de 4 a 6 de Abril do ano em curso, uma capacitação ministrada pelo Instituto Nacional de Normalização e Qualidade (INNOQ). A capacitação teve como objectivos melhorar a qualidade na prestação de serviços ao consumidor, bem como ajudar o município de Quissico na arrecadação de receitas. A iniciativa abrangeu os técnicos da Vereação do Desenvolvimento Local, os membros da Polícia Municipal e os técnicos dos Serviços Distritais de Actividades Económicas.

Essa realidade foi confirmada pelo representante do INNOQ, David Magaia, com as seguintes palavras: "Estamos a levar a cabo uma capacitação envolvendo técnicos da Vereação do Desenvolvimento Local, membros da Polícia Municipal e técnicos dos Serviços Distritais de Actividades Económicas para os dotar em matérias de verificação de balanças e bombas de combustíveis".

O responsável do INNOQ, na província de Inhambane, referiu ainda que as capacitações constituem prioridade da sua instituição e surgem no contexto da descentralização dos serviços sob tutela do Ministério da Indústria e Comércio (MIC).

Ganhos para o município

Para além de assegurar que as empresas prestem serviços de qualidade ao público, a verificação periódica de instrumentos de medição de combustíveis e produtos pré-medidos irá ajudar a autarquia de Quissico na arrecadação de receitas, assim como na defesa dos direitos do consumidor.

Abílio Paulo, edil de Quissico, disse a jornalistas que a capacitação oferecida aos seus colaboradores vem responder ao plano das actividades da edilidade no que concerne à regulação e certificação da qualidade dos serviços prestados pelos agentes económicos. Neste âmbito, o edil sublinhou o seu posicionamento dizendo: "a partir desta capacitação, acreditamos que vamos reduzir alguns problemas do passado, relacionados com as reclamações dos condutores sobre a qualidade dos serviços que eram prestados pelos proprietários das bombas de combustíveis".

O governante apelou aos participantes para terem responsabilidade, postura e zelo no desenvolvimento do seu trabalho.

Ainda na mesma ocasião, o INNOQ procedeu à entrega de Certificados de Reconhecimento Institucional ao município de Quissico. O documento delegava competências de verificação de qualidade às autoridades autárquicas até 2025.



Cerco sobre os prevaricadores cada vez mais apertado.

Presidente da Frelimo “busca forças” em Maputo

O presidente do partido Frelimo, que é, simultaneamente, o Presidente da República, Filipe Jacinto Nyusi, visitou, na semana finda, a província de Maputo, tendo participado da Segunda Sessão Extraordinária do Secretariado do Comité Provincial. Nyusi disse que os propósitos da sua visita eram os seguintes: medir o pulsar dos órgãos do partido e buscar “inspiração” e “forças” para governar o país.

D&F Texto: Dossiers & Factos

No âmbito das visitas que está a fazer pelo país, Filipe Nyusi escalou, na última semana, a província de Maputo para dialogar com as bases do partido de modo a ter uma visão geral do actual funcionamento dos órgãos por ele chefiados.

Na visita feita, o dirigente do partido Frelimo procurou inteirar-se, particularmente, do funcionamento das bancadas, quer nas autarquias, quer na Assembleia Provincial, assim como dos órgãos sociais, nomeadamente: a Organização da Juventude Moçambicana



Nyusi recebido em festa na província de Maputo

(OJM), a Organização da Mulher Moçambicana (OMM) e a Associação dos Antigos Combatentes da Luta de Libertação Nacional (ACLIN).

Fora isso, o estadista procurou saber que avaliação a Frelimo, nesta província, faz sobre a prestação do Governo a todos os níveis.

"Quero aproveitar a experiência de cada

um e, principalmente, a experiência da base sobre a descentralização. Quero que juntos avaliemos o nosso Governo porque é aqui onde eu busco a força, é aqui onde eu busco a inspiração para podermos avançar. Então, falemos, de forma aberta, de modo a trazer soluções para as preocupações do nosso partido", afirmou.

Ainda nesta sessão, o presidente do partido do “batuque e maçaroca” quis informar-se sobre a criminalidade, o roubo de gado, os acidentes de viação, os conflitos de terra e outros assuntos que constituem uma preocupação para o Governo da Província de Maputo.

"Nesta província, vou querer saber desse novo comportamento de vandalismo das infra-estruturas das comunidades, sobre as questões de roubo de gado e sobre os acidentes rodoviários. A propósito, em que situação se encontra a província que se está a tornar campeã na questão dos acidentes rodoviários? Quero, também, saber sobre os conflitos de terra, de forma a saber em que situação estão, visto que já foram uma grande preocupação na província de Maputo".

O partido Frelimo vai, dentro de meses, celebrar os seus 60 anos de existência. Sendo assim, este tema suscitou, igualmente, debate na sessão, que, igualmente, discutiu sobre os preparativos do XII congresso do partido.

Nyusi felicitou os membros do seu partido pela organização das conferências provinciais. Sublinhou que as conferências decorreram tranquilamente devido à maturidade e ao consenso entre os membros. O Presidente congratulou, igualmente, a província “pela sua rápida evolução, bem como pela elevada produção”.



Camarcadas vestiram-se a rigor para receber Nyusi

NA CIDADE DE INHAMBANE

Festival da Mulher marca o 7 de Abril

Sob o lema "Engajemos o Homem como Parceiro Leal para o Empoderamento da Mulher no Âmbito da Exaltação dos Feitos da Mulher Moçambicana e em Particular no Município de Inhambane", a capital da "terra da boa gente" foi palco, na última quinta-feira, 7 de Abril, da IX Edição do Festival da Mulher Municipal.

D&F

Texto: Anastácio Chirute,
em Inhambane

O evento foi organizado pelo Conselho Municipal da Cidade de Inhambane e tinha por objectivo sensibilizar a sociedade sobre a importância de proteger a mulher e a rapariga contra a violência baseada no género e uniões prematuras.

Ao todo, foram mais de 600 mulheres que participaram da IX Edição do Festival da Mulher Municipal, marcada por actividades culturais e desportivas, com destaque para o futebol feminino, canto e danças tradicionais, desfile de moda, gastronomia, entre outras expressões.

A abertura deste evento coube ao Grupo Cultural Gubuta, que apresentou uma coreografia dirigida por Pérola Jaime, da Companhia Nacional de Canto e Dança. A dança entrelaçou-se com um poema cuja mensagem reforçava a necessidade de "paz e união entre homens e mulheres".

Pérola Jaime, que também improvisou o zor-

Aliás, o espaço da mulher nunca foi usurpado, mas, sim, relegado às actividades domésticas, devido à sua característica natural, que tem na génese a paciência, fé, amor, compreensão, delicadeza, generosidade e o dom de toda a actividade humana.

re, uma dança típica e tradicional da província de Inhambane, fez uma avaliação positiva ao evento, assegurando que o mesmo superou a sua expectativa.

"Eu quis ir buscar as nossas raízes, para além daquilo que já tinha trazido. Peguei na capulana como um objecto inseparável da mulher, então apliquei as várias formas do uso da capulana. Na verdade, o zorre trouxe-nos um pouco de brilho por ser uma dança desta província", declarou.

Guimino destaca conquistas

Falando na ocasião, Benedito Guimino, edil da cidade de Inhambane, disse que o objectivo deste tipo de eventos é enaltecer a mulher pelo seu contributo na construção de uma sociedade cada vez mais civilizada.

"Deslumbra-nos que, no passado, a mulher esteve subjugada às actividades domésticas, sem espaço de destaque no sector público ou privado, muito menos para demonstrar as suas capacidades e habilidades técnicas e profissionais, mas hoje a mulher se evidencia na ocupação dos lugares cimeiros e de destaque na tomada de decisão. Aliás, o espaço da mulher nunca foi usurpado, mas, sim, relegado às actividades domésticas, devido à sua característica natural, que tem na génese a paciência, fé, amor, compreensão, delicadeza, generosidade e o dom de toda a actividade humana".

Preocupação com a violência doméstica

Esta edição do festival municipal acontece numa altura em que os casos de violência doméstica e uniões prematuras ao nível das comunidades continuam a crescer, um facto que levou a secretária de Estado naquela província, Ludimila Magune, a apelar para o diálogo para a resolução dos problemas. Desafiou, igualmente, os pais ou encarregados de educação e toda a sociedade a reflectirem sobre a importância do desenvolvimento intelectual da rapariga, priorizando a manutenção desta camada na escola.

"Queremos apelar para que continuemos a transmitir a mensagem de protecção da mulher e da rapariga contra a violência baseada no género, uniões prematuras, e que todas façamos o rastreio para o cancro do colo do útero e o cancro da mama", exortou.



O festival coloriu literalmente a cidade

AMAD MOGNE E A ESTAGNAÇÃO DO BASQUETEBOL

“Nosso calcanhar de Aquiles é a formação”

O basquetebol moçambicano já conheceu “voos altos”, mas, na actualidade, a modalidade tende a declinar. O antigo internacional moçambicano Amad Mogne aponta os caminhos para devolver a modalidade a um pedestal elevado, e diz que o maior “calcanhar de Aquiles” da modalidade da bola ao cesto é a formação deficitária.

D&F Texto: Arão Nualane
Fotos: Albino Mahumana

Em entrevista concedida ao Dossiers & Factos, Amad Mogne, que se destacou no basquetebol pelo Grupo Desportivo de Maputo, começou por separar as águas, referindo que “não é fácil comparar os tempos em que joguei com os actuais”. Ainda assim, não deixou de apontar a existência de lacunas na formação.

Mogne acredita haver potencialidades em termos de estatura e diz haver, na actualidade, outras condições de treino para os jovens, mas reitera que a formação básica “é o nosso calcanhar de Aquiles”. “Se formos a ver, a maior parte das escolas não tem campos. Os bairros não têm espaços de lazer ou espaços baldios onde nos nossos tempos praticávamos diferentes modalidades”.

De acordo com o antigo craque, as crianças estão confinadas e absorvidas pelas tecnologias, uma vez que, no lugar de praticarem o desporto, jogam sentadas, através de telemóveis e consolas.

Contornar isso passa pela criação de espaços físicos, mas também pela existência de uma sequência na formação da base até ao topo.

“Hoje o desporto é ciência, o que temos que fazer é seguir, acompanhar os modelos e os moldes de preparação e formação dos atletas”, assinalou.

“Jogadores estrangeiros não agregam valor”

Num outro desenvolvimento, o entrevistado do Dossiers & Factos comentou a presença de jogadores estrangeiros nas equipas



Amad Mogne, antigo internacional moçambicano

de basquetebol no país, e fez alguns reparos: “Acho que os estrangeiros, quando são contratados para representar as equipas nacionais nas provas internas e internacionais, pelo tempo que ficam, não agregam nenhum valor ao basquetebol”.

“O estrangeiro vem jogar por um mês e isso não acrescenta valor nenhum. Isso tem também que ver com os interesses de cada clube, que acha que deve ser campeão e investe para isso”, acrescentou.

Na visão deste antigo atleta, a chegada dos estrangeiros limita também o desenvolvimento dos atletas moçambicanos mais novos, que vêm as suas oportunidades sendo tomadas naquele momento.

“Vem [o estrangeiro] como uma espécie de mercenário. Se ganha ou não ganha, não importa. Ele quer o cachê dele”, disse a fonte, que levantou também problemas ligados à falta de

mística e harmonia.

“Tem o caso recente do Ferroviário, que foi à BAL [Basketball Africa League] com estrangeiros. Eu assisti aos jogos e vi que não havia entrosamento nenhum. Mas o treinador não é culpado por isso. Digo que se tivesse, se calhar, utilizado o produto nacional, teria uma equipa melhor, que pudesse competir bem na Liga Nacional do Basquetebol”, opinou.

“Não basta a boa vontade, é preciso recursos no dirigismo”

Mogne também abordou o dirigismo no desporto, que, na sua opinião, é transversal a todas as modalidades praticadas no território nacional. O problema, afirma Mogne, vai das estruturas que superintendem as modalidades até aos clubes.

Ainda de acordo com Mogne, o dirigismo não é feito de boa vontade. Ou melhor, esclarece, boa vontade deve existir, mas é preciso que seja acompanhada pelos recursos. Neste capítulo, diz ser importante a intervenção do Governo, obrigando, por exemplo, o empresário a dar alguma parte ao desporto.

“Sempre falamos a mesma coisa e nada muda. Temos os clubes que estão aí a desaparecer, porque estão sufocados. O próprio associativismo não existe. Sou do tempo em que ia ao clube e via os sócios todos os dias no clube, e para além de assistir aos jogos, assistiam aos treinos”, lembrou, sublinhando que “temos que acarinharmos figuras históricas que querem abraçar o dirigismo nas diferentes modalidades,

“Hoje desporto é ciência, o que temos que fazer é seguir, acompanhar os modelos e os moldes de preparação e formação dos atletas”

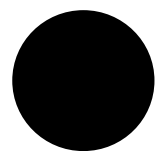
porque somos poucos, devíamos nos unir para sermos mais fortes”.

Do futebol ao basquetebol

A entrevista serviu igualmente para conhecer o percurso de Mogne como jogador de basquetebol e conhecer as suas histórias de quando estava no activo. “Iniciei como se iniciava e como se deve começar a jogar o basquetebol, isto é, no bairro e na escola. Desde a escola primária, na Escola João de Deus, que fica perto da Malanga, atrás da Assembleia da República. Nessa altura, havia jogos escolares entre turmas”.

Mogne contou também que, na zona onde vivia, concretamente na rua que agora é conhecida como “Rio Tembe”, tinha vizinhos mais velhos que já jogavam nos clubes da baixa da cidade. Nos quintais dos prédios, havia campinhos de basquetebol e futebol e até de hóquei em patins. Esta realidade influenciou muito a sua infância.

“Praticamente, a gente fazia jogos entre prédios, entre ruas e bairros. Depois surgiram os torneios de mini-basquete da Coca-Cola e da Milo, isto em períodos de férias. Depois, com idade de iniciados, fui para o Ferroviário, que era o clube do meu pai, e ficava mais perto de casa”, recordou. De resto, foi no Ferroviário onde fez o escalão de iniciados até ao primeiro ano de juvenis, em 1977, tendo depois mudança de cores.



“Sempre falamos a mesma coisa e nada muda. Temos os clubes que estão aí a desaparecer, porque estão sufocados. O próprio associativismo não existe. Sou do tempo em que ia ao clube e via os sócios todos os dias no clube, e para além de assistir os jogos, assistiam os treinos”

“No ano seguinte, fui para o Desportivo, porque no Ferroviário muita gente abandonou o país e o clube ficou um pouco à deriva”. Nessa altura, já jogava futebol pelo emblema alvi-negro, mas optou mesmo pelo basquetebol, e explica as razões: “escolhi o basquetebol em detrimento de futebol, porque, em 1978, ainda com idade de juvenis, fui chamado à equipa sénior de basquetebol. O treinador disse: “tens que vir jogar nos seniores”. Nessa altura, não

podia fazer as duas modalidades”.

A escolha revelou-se acertada, até porque no ano seguinte foi chamado à Selecção Nacional de Basquetebol. Além disso, ganhou “praticamente tudo” no Desportivo de Maputo.

Apesar de o Desportivo ser o seu clube de coração, Mogne passou também pelo Costa do Sol, que diz ter sido, na verdade, uma espécie de trampolim para ir a Portugal, uma vez que o Desportivo estava com muitas dificuldades.

“Em conversa com os dirigentes do Costa do Sol, que queriam reforçar a equipa e queriam-me lá para poderem aliciar alguns mais jovens, aceitei o convite e tive lá um período de seis meses e depois fui a Portugal”, disse, reiterando que “o único clube onde sempre me senti feliz foi o Desportivo. Criamos uma família numerosa que temos até hoje, apesar de outros não estarem presentes. No Desportivo, casámos, somos pais e avós, o Desportivo está no sangue”.

Representou os dois vizinhos da baixa

Ao nível de clubes, Mogne também representou o Clube de Desportos da Maxaquene, um velho e vizinho rival. Foi, na verdade, uma passagem efémera, quando foi chamado a reforçar a equipa que participava numa competição internacional na Espanha. Foi um momento marcante, “porque ombreámos com os melhores do mundo”, gaba-se a fonte.

Às competições internacionais, já ao nível das selecções, acrescenta o primeiro africano de juniores, em Angola, concretamente em Luanda, onde alcançaram o quarto lugar, numa prova em que a inexperiência teve um enorme peso.

“Aconteceram coisas muito estranhas. Para nós, era estranho, mas era o habitual aqui em África e para eles a situação era normal. Acabámos perdendo nas meias-finais com Angola, num jogo que, em condições normais, teríamos ganhado”, recuou no tempo, frisando que “a Selecção de Moçambique estava ao nível das melhores de África, que eram a Nigéria, a República Centro Africana e Angola.



Para Mogne, a formação actual é deficitária

A TERRA E OS HOMENS

Fotos de Albino Mahumana

O TEU VOTO CONTA!



Mingas: a ícone que se tornou cantora à revelia

É de todo impossível falar da música moçambicana sem mencionar o seu nome. Nascida na cidade de Maputo, Elisa Salatiel Jamisse é Mingas para o grande público, que aprendeu a amá-la graças à sua voz doce, às composições e às suas performances em palco. É o que é hoje porque contrariou o ceticismo dos pais, com o irmão mais velho como “bengala”.

D&F Texto: Albino Mahumana

Dona de uma doce e profunda voz, Mingas teve uma educação religiosa, daí que a sua iniciação musical tenha ocorrido numa igreja, concretamente na Metodista Unida, onde integrou, na altura, os grupos corais infantil e juvenil.

Embora os pais gostassem de música, não viam com bons olhos a ideia de Mingas seguir a carreira musical, tudo porque temiam que a arte fosse prejudicial aos estudos da filha. Só que Max, seu falecido irmão mais velho, apadrinhou as suas primeiras saídas para espectáculos. Contrariando a vontade dos progenitores, transportava a pequena estrela da casa aos espectáculos, e vice-versa, e assim ajudou Mingas a conquistar o apoio de toda a família.

Foi aos 17 anos de idade que a sorte lhe bateu à porta. A cantora acompanhou uma amiga

● **Com uma carreira consolidada, Mingas foi presença constante no “Ngoma” – a maior premiação da música moçambicana, e ganhou vários prémios. Foi eleita “Melhor Cantora” e recebeu, por mais de uma vez, o galardão destinado à “Melhor Canção”.**

aos escritórios dos produtores de espectáculos “Foguetão”, dirigidos por Alex Barbosa, e ficou a saber que estavam à procura de uma voz.

Na audição, interpretou a canção “I don’t know how to love him”, da trilha sonora do filme “Jesus Christ Superstar”. Foi aceite e os produtores propuseram que cantasse “I need you”, dos O’jays, no Cine Estúdio 222. Após essa actuação, que marcou a sua estreia em grandes palcos, Mingas realizou o seu grande sonho de interpretar “I don’t know how to love him”, no Cinema Gil Vicente, num dos espectáculos do “Xitimela

1001”.

Foi um espectáculo importante para o início da sua carreira, até porque a partir daí passou a ser convidada a actuar regularmente no “Sheik”, na altura, uma popular discoteca de Maputo.

Aos poucos foi se moldando a Mingas que é hoje uma referência no panorama musical moçambicano, uma brilhante intérprete e compositora que se inspira na vida social, nos fenómenos naturais, etc. “Canto sobre o que nos rodeia, desde os fenómenos da natureza (lua, sol, chuva, inundações), temas sociais, amor, mulher, a necessidade de reaver os valores morais, os malefícios da guerra, droga, álcool, luta das mulheres pelos seus direitos, enfim”, disse.

Uma carreira de luxo

A autora da “Mamana” é cultora de ritmos tais como marrabenta, fena, xiwoda, zorre e muthimba. Foi compondo e interpretando estes registos que se tornou a grande artista que é, como o confirma a sua trajectória.

Durante a sua carreira, Mingas trabalhou com a Orquestra Marrabenta Star de Moçambique, formada por alguns elementos do Grupo RM, e que tinha como objectivo tornar a música moçambicana mais conhecida no estrangeiro. Com uma carreira consolidada, Mingas foi presença constante no “Ngoma” – a maior premiação da música moçambicana, e ganhou vários prémios. Foi eleita “Melhor Cantora” e recebeu, por mais de uma vez, o galardão destinado à “Melhor Canção”.

Actualmente, Mingas dedica-se também a várias causas humanitárias aqui em Moçambique, produzindo espectáculos de solidariedade em apoio às vítimas do ciclone Idai e das explosões do Paiol de Malhazine.

A cantora, autora de CDs como Vuka Africa, lançado em 2009, Vhumela, em 2013, e o DVD Mingas ao Vivo, de 2009, diz estar a compor novas canções, estando também na busca de meios para suportar as despesas de estúdio e músicos.



Mingas, um dos nomes maiores da música nacional



Dossiers & Factos

A verdade acima de tudo e todos

50Mt



INTERNACIONAL

BURQUINA FASSO

Família de Sankara quer que Compaoré cumpra pena no Burquina Fasso



Sankara também chegara à presidência por via de um golpe (RFI)

A extradição de Blaise Compaoré, exilado na Costa do Marfim para cumprir a pena de prisão perpétua pelo seu papel na morte do seu antecessor Thomas Sankara, é "uma luta do Estado burquinabé, do povo burquinabé", disse Prosper Farama, advogado da família de Sankara, numa conferência de imprensa esta quinta-feira (07.04), em Ouagadougou, capital do Burkina Fasso.

O ex-Presidente do Burkina Fasso, Blaise Compaoré, foi condenado, à revelia, na quarta-feira, a prisão perpétua por causa do seu papel no assassinato do seu antecessor, Thomas Sankara. Mas, o advogado pede esclarecimento, quanto a essa decisão, tanto que afirma: "Se queremos fazer justiça, é melhor que essa justiça faça sentido. Então, o Estado deve implementar todos os meios, no respeito dos direitos dos condenados, para que esta decisão seja executada", acrescentou o causídico.

Não só, é o ex-presidente que se encontra nesta situação, o comandante da sua guarda pessoal na altura, Hyacinthe Kafando, também no exílio, recebeu a mesma sentença, tal como Gilbert

Diendéré, antigo general e um dos líderes do exército no golpe militar de 1987, que já se encontra no cumprimento duma pena de 20 anos de prisão por envolvimento numa tentativa de golpe de Estado em 2015. Os outros oito arguidos foram condenados por um tribunal militar especial em Ouagadougou a penas de prisão efectiva entre três e 20 anos.

"UM PRETEXTO PARA APOIAR A IMPUNIDADE"

"Não seria justo que alguns condenados fossem presos aqui ao mesmo tempo que outros são deixados em tranquilidade lá onde estão", afirmou Prosper Farama.

Forte apoiante do actual Presidente da Costa do Marfim, Alassane Ouattara, Blaise Compaoré exilou-se no país em 2014 e, em 2016, obteve a nacionalidade marfinense, que o protege da extradição.

"Este foi um pretexto encontrado para apoiar a impunidade", sublinhou, hoje, Benewende Sankara, outro dos advogados da parte civil. "A questão da nacionalidade de Compaoré é um problema. Mas, Hyacinthe Kafando não é um marfinense naturalizado. Teoricamente, a sua extradição não deve ser um problema", acrescentou Farama, sugerindo, assim, que o ex-chefe da guarda pessoal de Compaoré se encontra na Costa do Marfim, e fazendo votos para que os Estados marfinense e burquinabé sejam "diligentes" neste caso específico.

Se, posteriormente, os dois exilados "tiverem direito a uma amnistia ou perdão, que isso seja concretizado de acordo com as regras em vigor", acrescentou o advogado.

Ao proferir o veredicto na quarta-feira, o tribunal militar de Ouagadougou renovou o mandado de captura contra os dois homens, emitido em 2016.

"Espero que a Costa do Marfim compreenda que tem, nas mãos, com esta decisão, o destino de um país, de um continente. A África deve compreender que as amizades não devem estar acima dos interesses do povo", disse Farama.

GARGANTA FUNDA



1 Promotores de eventos vs músicos angolanos e moçambicanos

Garganta acompanhou o beef entre o apresentador Puto Aires e o músico Hot Blaze. Tal situação levou a que, a posteriori, o apresentador Fred Jossias saísse em defesa do seu colega. Os dois apresentadores criticaram o "amor" que os promotores de espectáculos nutrem pelos músicos angolanos, em detrimento dos músicos moçambicanos. Aliás, fazem-no já há algum tempo.

Na verdade, o que acontece é que os mangolês, quando cá vêm, encaixam milhares de dólares. Contrariamente, os músicos moçambicanos "apanham" quinhentas. Para o espanto destes dois apresentadores, o músico Hot Blaze, que, por acaso, fez parte do cartaz do espectáculo da cantora Ana Joyce, veio dizer que estes apresentadores estão a enganar o povo, pois eles enchem os espectáculos. Bom, Garganta fica espantado com a desunião da nossa indústria musical. É certo que os dois apresentadores pecam pela abordagem agressiva e extremista, mas têm os seus motivos para dizer o que estão a dizer. De facto, estão a proteger a indústria local.

O maior mercado para os músicos angolanos, não tenham dúvidas, irmãos, é o mercado moçambicano. Aqui, eles enchem os bolsos de verdinhas, o que não acontece em Angola. Lá, eles todos são iguais, eles preparam-se, afinadamente, para atacar o mercado moçambicano. O conselho que Garganta manda para os homens da nossa indústria musical é que se devem unir para reverter este cenário. Entrem num quarto, sentem, discutam, lutem, mas saiam mais fortes, e que a cultura moçambicana vença. "Para tal, devemos cimentar a nossa identidade cultural e fazê-la valer, porque esse espectáculo não está agradável."

Os músicos moçambicanos mostram que são um bando de copiadores, porque não têm um estilo próprio. Portanto, como querem que o povo se identifique com eles? Em termos de culpados, um dia, pensam que são angolanos, outro dia pensam que são nigerianos, sul-africanos, americanos. São todos culpados, menos moçambicanos. Ah!, há que haver uma postura diante desta situação, pah.

3 Mercado da pirataria

Sim, esse mercado domina o país, domina o mercado nacional de roupa, sapatilhas, sapatos, canetas, e sabe-se lá mais o quê. É só descer à baixa da cidade de Maputo, o leitor confirmará do que estamos, aqui, a "tratar". As roupas e sapatilhas "naijas", são as preferidas pela juventude. O mesmo mercado estende-se até aos mercados informais do Estrela e Compone e, ainda mais, chega às redes sociais.

Já houve, certamente, tempos em que, se quisesse acertar uma boa sapatilha original, tinha que ir a 2001, Pellepelle, Studio, Adidas, Estrela ou Compone. Mas, o cenário actual é que alguns desapareceram, outros foram contaminados e engolidos pelo mercado da contrafacção, e poucos, mas poucos mesmo, mantêm a linha

original. A questão é esta: Qual é a instituição que tem que garantir a qualidade dos produtos postos a circular?

Veja que, de forma muito preocupante e injusta, esses mesmos produtos são vendidos, em algum momento, ao mesmo preço, como se de um produto original se tratasse, o que é injusto para aquele que procura dar qualidade aos clientes. Afinal, onde anda a INAE, porque é que se está a falar de concorrência desleal? Comprar algo ao preço de pirata e vendê-la ao preço de original é desonesto. Até que ponto este negócio, que está a ganhar um corpo nas redes sociais, paga os impostos devidos? Está-se a falar de um negócio baixo demais a todos os níveis. "Não nos podemos contentar com o pouco, merecemos, sem sombra de dúvidas, alguma qualidade."